

Trabalhando muito consegui, aos poucos, apoiar em terra firme minhas fantasias e os conteúdos do inconsciente. As palavras e os escritos não eram bastante reais para mim; era preciso outra coisa. Necessitava representar meus pensamentos mais íntimos e meu saber na pedra, nela inscrevendo, de algum modo, uma profissão de fé. Foi assim que comecei a construir a torre de Bollingen. Essa idéia pode parecer absurda, mas a realizei — o que foi para mim uma grande satisfação, um acontecimento significativo.¹

Desde o princípio tive a certeza de que era necessário construir à beira da água. O encanto particular da margem do lago superior de Zurique me fascinou sempre e por isso compeei, em 1922, um terreno em Bollingen, no distrito de St. Meinrad, que pertencera à Igreja, antiga propriedade na abadia de St. Gall.

No princípio não pensei em fazer uma verdadeira casa, mas apenas uma construção de um andar, com lareira no centro e beliches ao longo das paredes, à maneira das moradas primitivas. Tinha diante dos olhos a imagem de uma cabana africana: no centro, cercado por algumas pedras, o fogo brilha e em torno dele se desenrola a existência da família. Na verdade, as cabanas primitivas realizam uma idéia de totalidade, de uma totalidade familiar, da qual participam também vários tipos de pequenos animais domésticos. Era uma cabana deste gênero que eu queria construir, uma morada que correspondesse aos sentimentos primitivos do homem. Ela devia oferecer uma sensação de refúgio e de abrigo, não só em sentido físico, mas também psíquico. Desde o começo, porém, durante os primeiros trabalhos, o plano modificou-se, por me parecer demasiadamente primitivo. Compreendi que era necessário construir uma verdadeira casa de dois andares e não apenas uma cabana de chão batido. Foi assim que nasceu, em 1923, a primeira casa de plano circular. Uma vez construída, vi que se tornara uma habitação em forma de torre.

Era poderoso o sentimento de repouso e de renovação que a torre despertara em mim desde o início. Constituíra como que uma morada materna. Pouco a pouco, entretanto, tive a impressão de que não existia nada ali que eu desejava. Faltava algo. Foi por isso que quatro

¹ A torre de Bollingen não era, para Jung, apenas uma casa de férias. Na velhice, ele passava lá metade do ano trabalhando e descansando. "Sem minha terra, minha obra não viria à luz." Até idade avançada, Jung fazia exercício cortando lenha, tratando a terra, plantando e colhendo. Nos seus anos de mocidade, a paixão era velejar e praticar outros esportes náuticos. (A. J.)

anos mais tarde, em 1927, acrescentei a ela uma construção central, com um anexo, em forma de torre.

Depois de algum tempo, experimentei de novo um sentimento de falta. A construção continuava a parecer-me muito primitiva, mesmo sob essa forma. Em 1931, depois de quatro anos, o apêndice em forma de torre foi reconstruído e tornou-se uma verdadeira torre. Nesta segunda construção reservei um aposento exclusivamente para mim. Lembrei-me das casas hindus, nas quais existe quase sempre um aposento (ainda que apenas um canto de quarto, isolado por uma cortina), lugar de retiro em que se medita cerca de meia hora ou quinze minutos, e onde se pratica exercícios de ioga.

Nesse espaço fechado vivo só comigo mesmo. Guardo a chave e ninguém pode entrar lá, sem a minha permissão. No correr dos anos pintei as paredes desse quarto, exprimindo tudo o que me conduz da agitação do mundo à solidão, do presente ao intemporal. É um recanto da reflexão e da imaginação; as fantasias são muitas vezes desagráveis e os pensamentos árdus: é um lugar de concentração espiritual.

Em 1935, senti o desejo de ter um pedaço de terra cercado. Necessitava de um espaço mais vasto, aberto para o céu e para a natureza. Quatro anos haviam passado. Acrescentei um pátio e uma *loggia* do lado do lago, que constituem a quarta parte do conjunto, separada das três outras do complexo principal. Nasceu assim uma quaternidade, quatro partes de construção diferente, construídas ao longo de doze anos.

Depois da morte de minha mulher, em 1955, senti a obrigação interior de tornar-me tal como sou. Na linguagem da casa de Bollingen: descobri de repente que a parte central da construção, até então muito baixa e presa entre as duas torres, me representava, ou mais precisamente, representava meu próprio eu. Elevei-a, então, acrescentando-lhe mais um andar. Antes, não teria ousado fazê-lo; teria considerado isso uma afirmação presunçosa de mim mesmo. Tal fato traduzia, realmente, a superioridade do *ego*, adquirida com a idade, ou a da consciência. Assim, um ano após a morte de minha mulher, o conjunto estava completo. A construção da primeira torre começara em 1923, dois meses após a morte de minha mãe. Essas datas são cheias de sentido porque — como veremos — a torre está ligada aos mortos.

Desde o início, a torre foi para mim um lugar de amadurecimento — um seio materno ou uma forma materna na qual podia ser de novo como sou, como era, e como serei. A torre dava-me a impressão de que eu renascia na pedra. Nela via a realização do que, antes, era um vago pressentimento: uma representação da individualização. Um marco, *aere perennius*. Ela exerceu sobre mim uma ação benfazeja, como a aceitação daquilo que eu era. Construíra a casa em partes

Jung, C.G. Memórias, sonhos e reflexões

RJ. Nova Fronteira, 1995.

separadas, abedecendo virtualmente as necessidades concretas do momento. Suas relações interiores jamais tinham sido objetos de minhas reflexões. Podia-se dizer que construía a torre numa espécie de sonho. Somente mais tarde percebi o que tinha nascido, e a forma plena de sentido que disso resultara, símbolo de totalidade psíquica. Ela se desenvolvera como um grão antigo que tivesse germinado.

Em Bollingen sou mais autenticamente eu mesmo, naquilo que me concerne. Aqui sou, por assim dizer, um filho "arquívelho" de sua "mãe". Assim fala a sabedoria dos alquimistas, pois o "velho", o "arquívelho" que eu sentira em mim, quando criança, é a personalidade número dois que sempre viveu e sempre viverá, fora do tempo, filho do inconsciente materno. Em minhas fantasias, o "arquívelho" tomava a forma de Filémon e este era vivo em Bollingen.

Às vezes como que me espalho pela paisagem e nas coisas, e vivo em cada árvore, no sussurro das vagas, nas nuvens, nos animais que vão e vêm, e nos objetos. Nada há na torre que não tenha surgido e crescido ao longo dos decênios, nada a que eu não esteja ligado. Tudo tem sua história, que é também a minha história, e aqui há lugar para o domínio não espacial dos segundos planos.

Renunciei à eletricidade e acendo eu mesmo a lareira e o fogão. À tarde acendo os velhos lampiões. Não há água corrente; preciso tirá-la do poço, acionando a bomba manual. Racho a lenha e cozinho. Esses trabalhos simples tornam o homem simples, e é muito difícil ser simples.

Em Bollingen mergulho no silêncio e vivo "in modest harmony with nature".² Idéias emergem, do fundo dos séculos, antecipando portanto um futuro longínquo. Aqui se atenua o tormento de criar; aqui criação e jogo se aproximam.

Em 1950 erigi uma espécie de monumento de pedra, simbolizando o que a torre representa para mim. É uma estranha história o modo pelo qual a pedra chegou às minhas mãos.

Ao construir o muro de separação do que chamei jardim, precisava de pedras. Encomendá-las num lugar perto de Bollingen. Na minha presença, o pedreiro ditou ao proprietário da pedreira as medidas que anotara em seu caderno. Quando as pedras chegaram por barco e foram descarregadas, verificou-se que as medidas da pedra angular não conferiam com as do pedido. Em vez de uma pedra triangular, haviam mandado um cubo perfêito, de dimensões bem maiores do que as requeridas, com arestas de mais ou menos cinquenta centímetros. O pedreiro, furioso, disse aos barqueiros que podiam levá-la de volta.

² Título de uma velha gravura chinesa em madeira, na qual é representado um velho numa paisagem herética. (A. J.)

Quando vi a pedra, disse: "Não! É a minha pedra, e eu preciso dela!" Logo vi que me convinha perfeitamente, e eu queria utilizá-la. Mas não sabia ainda de que modo.

Ocorreu-me imediatamente uma estrofe latina do alquimista Arnaud de Villeneuve (morto em 1313): resolvi esculpi-la na pedra. A tradução é esta:

Eis a pedra, de humilde aparência.
No que concerne ao valor, pouco vale —
Desprezam-na os tolos
E por isso mais a amam os que sabem.

Esse verso concerne à pedra (*lapis*) do alquimista, à pedra rejeitada e desprezada pelo ignorante.

Logo observei um detalhe: no plano anterior distingui, na estrutura natural da pedra, um pequeno círculo, uma espécie de olho que me fitava. Cinzelei-o e coloquei um homenzinho no centro: é o boneco que corresponde à pupila do olho, espécie de Cabiro ou de Teléstoro de Esculápio. Ele usa um manto com capuz e tem uma lanterna, tal como se vê nas representações antigas. Ao mesmo tempo, é aquele que indica o caminho! Dediquei-lhe algumas palavras que me vieram ao espírito enquanto trabalhava. A inscrição é em grego; eis a tradução: "O tempo é uma criança — brincando como uma criança — sobre um tabuleiro de xadrez — o reino da criança. Eis Teléstoro, que vaga pelas regiões sombrias deste cosmo e que brilha qual estrela se erguendo das profundidades. Indica o caminho das portas do sol e pais dos sonhos."³

Essas palavras vieram-me ao espírito, uma depois da outra, enquanto trabalhava a pedra.

Na terceira face, voltada para o lago, deixei, por assim dizer, a pedra falar por si mesma, numa inscrição latina. Todas as frases são citações tiradas da alquimia. Eis a tradução:

"Sou uma ória, sozinha; entretanto, podem encontrar-me por toda parte. Sou uma, mas oposta a mim mesma. Sou ao mesmo tempo 'adolescente' e 'velha'. Não conheci nem pai nem mãe, pois devem me ter retirado das profundezas como um peixe ou porque caí do céu, como uma pedra branca. Vagueio pelas florestas e montanhas, mas estou escondida no mais íntimo do homem. Sou mortal para cada um e no entanto a sucessão dos tempos não me atinge."

Para terminar, coloquei em latim, sob a sentença de Arnaud de Villeneuve: "Como lembrança de seu septuagésimo-quinto aniversário."

¹ A primeira sentença é um fragmento de Heráclito (H. Diels, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, 1903, fragmento 52); a segunda alude à liturgia de Mithra (A. Dieterich, *Die Mithraismythen*, Leipzig e Berlin, 1923, pág. 9); a última frase é de Homero (*Odisséia*, Gesang, 24, Vers 12). Quanto às outras inscrições, v. Glossário, *Alchemie*, (A. J.)

sário, C. G. Jung a executou e erigiu em testemunho de reconhecimento, no ano de 1950."

Terminado o trabalho na pedra, meu olhar sempre a buscava de novo; eu me espantava e perguntava a mim mesmo se tudo isso tinha um sentido.

A pedra se acha fora da torre e é como que uma explicação desta. É uma manifestação de seu motorador, mas continua incompreensível para os homens. Sabem o que pretendia gravar na parte de trás? O *grito de Merlin*? Pois o significado dessa pedra me sugere as manifestações de Merlin, saindo da floresta, quando já desaparecera deste mundo. Os homens ainda ouvem o seu chamado, diz a lenda, mas não podem compreendê-lo ou interpretá-lo.

Merlin representa a tentativa, por parte do inconsciente medieval, de estabelecer uma figura paralela à de Parsifal. Parsifal é o herói cristão, e Merlin, filho do Diabo e de uma virgem pura, é seu irmão sombrio. No século XII, quando nasceu a lenda, não se dispunha das condições necessárias para compreender o que ela representava. Assim, acabou no exílio; daí, o *grito de Merlin*, que ressoa ainda na floresta, depois de sua morte. Esse chamado, que ninguém pôde compreender, mostra que ele continua a viver, como uma forma não redimida. No fundo, sua história não foi terminada e ele vaga ainda até hoje, nas redondezas. Pode-se dizer que o segredo de Merlin continhou na Alquimia, principalmente na figura de Mercúrio. Depois foi recolhido por minha psicologia do inconsciente, mas até hoje continua incompreendido! Para a maioria dos homens, com efeito, a vida com o inconsciente é completamente incompreensível. Saber o quanto tudo isso é estranho ao homem é uma das minhas experiências mais indeléveis.

Um dia, encontrava-me em Bollingen quando já estava pronta a construção da primeira torre. Foi durante o inverno de 1923-1924. Na medida em que posso lembrar-me, não havia neve. Talvez já recuara a primavera. Estava só, por uma semana, ou pouco mais. Reclamava um silêncio indescrivível. Jamais o perebera tão intensamente. Uma tarde — lembro-me ainda perfeitamente — estava sentado junto ao fogo, sobre o qual colocara um caldeirão de água para lavar a louça. A água começou a ferver e a panela pôs-se a chiar. Tinha a impressão de ouvir inúmeras vozes, instrumentos de corda, ou algo semelhante a uma orquestra. Parecia uma polifonia, tipo de música que detesto; mas aquela me parecia particularmente interessante. Dir-se-ia que uma orquestra locava dentro da torre e outra, fora. Ora dominava uma, ora outra, como se falassem alternadamente.

Senti-me e pus-me a ouvir, fascinado. Durante mais de uma hora, escutei o concerto, essa mágica melodia da natureza. Música suave, com todas as desarmonias da natureza, pois esta não é só har-

moniosa, mas também caótica e cheia de contrastes. Assim era a música, torrenciosa e silenciosa, na natureza, as águas e o vento — tão estranha, que é absolutamente impossível descrevê-la.

No início da primavera de 1924, estava de novo em Bollingen. Encontrava-me só e tinha acendido o fogão. Era uma tarde silenciosa, como a que acabei de descrever. Durante a noite, passos leves me despertaram: alguém caminhava em torno da torre. Uma música longínqua aproximava-se cada vez mais e ouvi então vozes, risos, conversas. Pensei: "Quem será? O que significa isso? Só há um atalho ao longo do lago, e é raro que alguém passe por ele." Refletindo, acordei completamente e fui à janela; abri as venezianas: tudo estava em silêncio, não havia ninguém; nenhum ruído, nada. Não ventava, não havia nada, nada, absolutamente nada.

"Que coisa estranha", pensei. Estava certo de que os ruídos de passos, os risos e as conversas tinham sido reais. Mas ao que parecia fora apenas um sonho. Voltei à cama e comeci a refletir acerca do nosso poder de ilusão. Como fora possível que eu tivesse um tal sonho? Adormeci de novo e o mesmo sonho recomeçou. Ouvi novamente os passos, as conversas, os risos e a música. E, ao mesmo tempo, tive a representação visual de centenas de pessoas vestidas de escuro, talvez jovens camponeses com suas roupas domingueiras, vindos da montanha, numa multidão que passava pelos dois lados da torre, batendo os pés, rindo, cantando e tocando sanfona. Irritado, pensei: "É de se mandar ao diabo!" Pensei que se tratasse de um sonho e eis que agora é verdade! Acordei, emocionado. Levantei-me depressa, abri as janelas e as venezianas, mas tudo estava como antes: noite enluarada e silêncio de morte. Pensei, então: "São simples fantasmas!"

É claro que perguntava a mim mesmo qual poderia ser o sentido de um sonho que insistia a tal ponto sobre sua realidade, e sobre o meu pseudo-estado de vigília. Isto só acontece quando se trata de fantasmas. Estar acordado equivale a perceber a realidade, na qual cria uma espécie de vigília. Este gênero de sonho, ao contrário dos sonhos comuns, trai a tendência do inconsciente de transmitir ao que sonha uma verdadeira impressão do real, que a repetição sublinha ainda mais. Como fontes de tais realidades conhecemos, por um lado, as sensações corpóreas e, por outro, as figuras arquetípicas.

Naquela noite tudo era — ou pelo menos parecia ser — tão perfeitamente real que era difícil situar-me entre as duas realidades. Não sabia o que isso significava. O que representavam os jovens camponeses, com sua música, passando em longa procissão? Tinha a impressão de que tinham vindo, por curiosidade, a fim de ver a torre.

Nunca mais, depois, vivi ou sonhei coisa parecida, mas essa aventura deixou-me perplexo; jamais ouvira algo semelhante. Só muito

mais tarde compreendi o ocorrido, ao conhecer a crônica lucernense de Renward Cysat, do século XVIII. Nesta encontrei a seguinte história: Num pasto do monte Pilatos, particularmente deserto por causa dos fantasmas, Wotan continuaria a errar até hoje. Cysat, durante uma ascensão noturna, foi perturbado por uma procição de pessoas que, no meio de música e de cantos, passavam de ambos os lados da cabana em que repousava — exatamente como ocorrera no episódio da torre.

No dia seguinte, Cysat interrogou o pastor em casa do qual passara a noite, procurando saber o que significava aquilo. O pastor não teve a menor dúvida: disse que deviam ser os "bem-aventurados", isto é, a legião de almas defuntas conduzidas por Wotan; elas costumavam voltar e se manifestavam desse modo. Poder-se-ia tentar explicar minha experiência como um fenômeno de solidão; o vazio e o silêncio exteriores teriam sido compensados pela imagem de uma multidão. As alucinações dos eremitas representam compensações dessa natureza. Mas quem sabe sobre que realidades se funda esse tipo de histórias? Poder-se-ia também pensar que eu tivesse sido sensibilizado pela solidão a ponto de perceber a procição de "defuntos", que por lá passava.

A explicação do acontecimento como compensação psíquica, ou como alucinação nunca me satisfizeram. Sentia-me obrigado a levar em conta a possibilidade de sua realidade, principalmente devido à existência de um relato paralelo do século XVIII.

Poder-se-ia também explicá-lo como um fenômeno de sinceridade. Esses fenômenos mostram como os acontecimentos que acreditamos conhecer (pois os percebemos ou supomos por meio de um sentido interior), têm muitas vezes correspondências na realidade exterior. Ora, há de fato uma correspondência concreta relativa a essa experiência, pois na Idade Média, houve tais procições de jovens. Eram filhas de mercenários que, principalmente na primavera, iam do centro da Suíça para Locarno, onde se reuniam na Casa di Ferro, em Minusio, e de lá continuavam até Milão. Na Itália tornavam-se soldados e combatiam, a soldo estrangeiro. Eu poderia, portanto, ter captado a imagem de um desses bandos que se organizavam todos os anos na primavera e que, com cantos e festividades, despediam-se da pátria.

Durante muito tempo ainda esse estranho sonho ocupou minha imaginação.

Quando, em 1923, começamos a construir em Bollingen, minha filha mais velha, numa visita, exclamou: "Como! Você está construindo aqui? Mas se há cadáveres!" Naturalmente pensei: "Tolice! não há nada disso!" Mas quando continuamos a construção, quatro anos mais tarde, encontramos de fato um esqueleto. Jazia a dois metros e

vinte de profundidade; no seu cotovelo direito havia uma velha bala de fuzil. Pela posição em que estava, era possível imaginar que provavelmente fora lançado àquele lugar em adiantado estado de putrefação. Pertencera a uma dessas poucas dúzias de soldados franceses que, em 1799, se afogaram no Lint e em seguida foram levados às margens do lago superior. Esse acidente ocorreu depois que os austríacos fizeram saltar a ponte de Grynau, tomada de assalto pelos franceses. Uma fotografia do túmulo aberto, com o esqueleto, e a data do dia em que o cadáver foi descoberto está na torre. Foi no dia 22 de agosto de 1927.

Organizei, então, em minha propriedade, um enterro em boa e devida forma para o soldado, e dei três tiros de salva sobre sua sepultura. Depois, pus sobre ela uma pedra tumular com uma inscrição. Minha filha pressentira a presença do cadáver; sua faculdade de pressentimento é uma herança de minha avó materna.⁴

Durante o inverno de 1955-56, esculpi os nomes de meus antepassados paternos em três lápides, que fixei na *loggia*. Pintei no teto motivos de meus brasões, dos de minha mulher e de meus genros.

Originariamente, a família Jung tinha uma fênix como animal heráldico, o que, sem dúvida, tem uma relação com a palavra Jung (jovem), Jugend (juventude), "rejuvenescimento". Mas meu avô modificou os elementos do brasão, provavelmente por reatividade ao pai. Era franco-maçom entusiasta e grão-mestre da Loja Suíça. Deve-se provavelmente a essa circunstância a modificação que introduziu nas suas armas. Assinalo este fato que, em si, não tem importância, porque se insere no desenvolvimento histórico no meu pensamento e da minha vida. Devido à modificação introduzida por meu avô, meu brasão não tem mais a fênix de ouro: tem em cima, à direita, uma cruz azul e embaixo, à esquerda, um cacho de uvas azul sobre campo dourado; entre ambos há uma faixa azul, com uma estrela de ouro. Essa disposição simbólica é franco-maçônica ou rosa-cruciana. Da mesma forma que a rosa e a cruz representam a problemática dos contrastes rosa-crucianos (*per crucem ad rosam*), o cristão e o diabolaco, cruz e uvas, são o símbolo do espírito celeste e do cômico. O símbolo da união é representado pela estrela de ouro, *aurum philosophum*.⁵

Os rosa-cruzes procedem da filosofia hermética ou alquimista. Um de seus fundadores é Michael Majer (1568-1662) conhecido alquimista, contemporâneo mais jovem de Gerardus Dornus (fim do século XVI), menos conhecido, porém mais importante, cujos tratados ocupam o primeiro volume do *Theatrum chemicum* de 1602.

⁴Ver Apêndice, "A Família de C. G. Jung".

⁵O outro dos filósofos, isto é, dos alquimistas. (A. J.)

Frankfurt, onde ambos viveram, parece ter sido, nessa época, o centro da filosofia alquimista. Em todo caso, Michael Majer, como conde palatino e médico da corte de Rodolfo II, era uma personalidade conhecida e estimada no lugar. Em Mainz, cidade vizinha, vivia então o doutor em medicina e jurisprudência, Carl Jung, morto em 1654 e acerca do qual nada se sabe, pois nossa árvore genealógica começa com meu bisavô, Sigismund Jung, nascido no começo do século XVIII (Civis Moguntinus, cidadão de Mainz), porquanto os arquibispos municipais de Mainz foram queimados quando a cidade foi sitiada durante a guerra da sucessão de Espanha. É muito provável que o erudito Dr. Carl Jung conhecesse os escritos dos dois alquimistas, pois a farmacologia da época estava ainda sob a influência de Paracelso. Dorneus era um adepto fervoroso de Paracelso, sob cujo tratado *De via longa* escreveu um volumoso comentário. (Entre os alquimistas foi ele quem mais se ocupou do que hoje se pode chamar de processo de individualização.) Devido ao fato de que uma grande parte do trabalho de minha vida foi consagrada ao estudo da problemática dos opostos, principalmente no que concerne à sua simbologia alquimista, esses acontecimentos — que são antecipações — são dignos de nota. Por isso os relato a meus leitores.

Enquanto trabalhava em minha árvore genealógica, compreendi a estranha comunhão de destinos que me ligava aos meus antepassados. Tenho a forte impressão de estar sob a influência de coisas e problemas que foram deixados incompletos e sem resposta por parte de meus pais, meus avós e de outros antepassados. Muitas vezes parece haver numa família um carma pessoal que se transmite dos pais aos filhos. Sempre pensei que teria de responder a questões que o destino já propusera a meus antepassados, sem que estes lhes houvessem dado qualquer resposta; ou melhor, que deveria terminar ou simplesmente prosseguir, tratando de problemas que as épocas anteriores haviam deixado em suspenso. Por outro lado, é difícil saber se tais problemas são de natureza pessoal ou de natureza geral (coletiva). Parece-me ser, este último, o caso. Enquanto não é reconhecido como tal, um problema coletivo toma sempre a forma pessoal e provoca, ocasionalmente, a ilusão de uma certa desordem no domínio da psique pessoal. Efetivamente, tais perturbações ocorrem na esfera pessoal, mas não são necessariamente primárias: são secundárias e decorrem de uma mudança desfavorável do clima social. Nesse caso, portanto, não se deve procurar a causa da perturbação na ambiência pessoal, mas sim na situação coletiva. A psicoterapia ainda não levou em conta, suficientemente, esta circunstância.

Como qualquer homem capaz de uma certa introspecção, pensei inicialmente que a cisão de minha personalidade era algo de muito pessoal, e que toda a responsabilidade de tal fato era minha.

É verdade que Fausto já soprara em meus ouvidos as palavras salutaras: "Duas almas, aí de mim, habitam no meu peito!" Mas não lançara qualquer luz sobre a causa dessa dissociação. A compreensão faustiana parecia aplicar-se a mim. Quando li o *Fausto* não podia supor ainda quanto o estranho mito heróico de Goethe era coletivo, e profetizava o destino da Alemanha. Era por isso que me sentia pessoalmente atingido, e quando Fausto, em consequência de sua *hybris* e inflação provoca a morte de Filemon e de Baucis, acreditei ser culpado, um pouco como se, em pensamento, tivesse participado do assassinato dos dois velhos. Essa estranha idéia alarmou-me e achei que era responsabilidade minha expiar tal crime, ou impedir que ele se reproduzisse.

Uma informação que recebi de alguém nessa época de minha juventude, veio confirmar ainda essa falsa conclusão. Soube, com efeito, que corria uma lenda a propósito de meu avô Jung: ele teria sido filho natural de Goethe! Essa história irritante me tocava, e por que parecia ao mesmo tempo reforçar e explicar as reações estranhas que eu sentia em relação ao *Fausto*. Não acredito na reencarnação, mas a idéia do Carma dos hindus me é naturalmente familiar. Como não tinha, nessa época, a menor noção da existência do inconsciente, não podia compreender psicologicamente minhas reações. Não sabia também, de forma alguma (como até hoje, em geral, não se sabe), que o futuro se prepara, muito tempo antes, no inconsciente e que por isso os visionários podem adivinhá-lo com anterioridade. Foi assim, por exemplo, que recebendo a notícia da coroação do imperador em Versalhes, Jakob Burckhardt exclamou: "É o declínio de Alemanha!" Os arquétipos de Wagner já batiam à porta e com eles chegava a experiência dionisiaca de Nietzsche, que seria mais justo atribuir ao deus da embriaguez, Woran. A *hybris* da era wilhelmiana desconcertou a Europa e preparou a catástrofe de 1914.

O espírito desses tempos aprisionou-me inconscientemente nos anos de juventude (por volta de 1893), e eu não tinha meio algum de fugir a ele. Fausto fez vibrar em mim uma corda e me atingiu de tal maneira que só podia compreendê-lo de um ponto de vista pessoal. O problema dos contrários, do bem e do mal, do espírito e da matéria, do claro e do obscuro, foi algo que me tocou profundamente. Fausto, filósofo inepto e ingênuo, depara com seu lado obscuro, sua sombra inquietante: Mefistófeles. A despeito de sua natureza negativa, Mefistófeles diante do sábio carcomido, que se aproxima do suicídio, representa o verdadeiro espírito da vida. Meus contrastes interiores apareciam assim sob a forma do drama. Goethe, de alguma forma, havia esboçado um esquema de meus próprios conflitos e soluções. A dicotomia Fausto-Mefisto, confundia-se para mim num só homem, e este homem era eu! Em outras palavras, sentia-me atingido, desmascarado e, uma vez que era esse o meu destino, todas as peripécias do

drama me concerniam pessoalmente. Apaixonadamente, sentia-me obrigado a aceitar isto, a lutar contra aquilo; nenhuma solução me era indiferente. Mais tarde, em minha obra, parti do que Fausto deixara de lado: o respeito pelos direitos eternos do homem, a aceitação do antigo e a continuidade da cultura e da história do espírito.⁶

Tanto nossa alma como nosso corpo são compostos de elementos que já existiam na linhagem dos antepassados. O "novo" na alma individual é uma recombinação, variável ao infinito, de componentes extremamente antigos. Nosso corpo e nossa alma têm um caráter eminentemente histórico e não encontram no "realmente-novo-que-acaba-de-aparecer" lugar conveniente, isto é, os traços ancestrais só se encontram parcialmente realizados. Estamos longe de ter liquidado as exigências de nossa psique a respeito deles. Entretanto, somos lançados num jato de progresso que nos empurra para o futuro, com uma violência tanto mais selvagem quanto mais nos arranca de nossas raízes. Entretanto, se o antigo irrompe, é freqüentemente anulado e é impossível deter o movimento para a frente. Mas é precisamente a perda de relação com o passado, a perda das raízes, que cria um tal "mal-estar na civilização", a pressa que nos faz viver mais no futuro, com suas promessas quiméricas de idade de ouro, do que no presente, que o futuro da evolução histórica ainda não atingiu. Precipitamo-nos desenfreadamente para o novo, impedidos por um sentimento crescendo de mal-estar, de descontentamento, de agitação. Não vivemos mais do que possuímos, porém de promessas; não vemos mais a luz do dia presente, porém perscrutamos a sombra do futuro, esperando a verdadeira alvorada. Não queremos compreender que o melhor é sempre compensado pelo pior. A esperança de uma liberdade maior é anulada pela escravidão do Estado, sem falar dos terríveis perigos aos quais nos expõem as brilhantes descobertas da ciência. Quanto menos compreendemos o que nossos pais e avós procuraram, tanto menos compreendemos a nós mesmos, e contribuímos com todas as nossas forças para arrancar o indivíduo de seus instintos e de suas raízes: transformado em partícula da massa, obedecendo somente ao que Nietzsche chamava o espírito da gravidade.

É evidente que as reformas orientadas para a frente, isto é, por novos métodos ou *gadgets*, trazem melhorias imediatas, mas logo se tornam problemáticas e ainda por cima custam muito caro. Não aumentam em nada o bem-estar, o contentamento, a felicidade em

seu conjunto. Na maioria das vezes são suavizações passageiras da existência, como, por exemplo, os processos de economizar tempo, que intelualmente só lhe precipita o ritmo, deixando-nos, assim, cada vez, menos tempo. "*Omnia festinatio ex parte diabolii est*" (toda pressa vem do Diabo), costumavam dizer os antigos mestres.

As reformas que levam em conta a experiência do passado são em geral menos custosas e, por outro lado, duráveis, pois retornam aos caminhos simples e mais experimentados de outrora, e só fazem um uso moderado dos jornais, do rádio, da televisão e de todas as inovações feitas no sentido de ganhar tempo.

Falo muito neste livro de minhas concepções subjetivas que não representam, entretanto, argúcias da razão; são muito mais visões que surgem, quando, os olhos semicerrados e os ouvidos algo amortecidos, procuramos ver e ouvir as formas e a voz do ser. Se vemos e ouvimos com demasiada nitidez limitamo-nos à hora e ao minuto de hoje e não observamos se e como as nossas almas ancestrais percebem e compreendem o hoje em outros termos, e como o inconsciente reage. Dessa forma, continuamos ignaros e não sabemos se o mundo ancestral participa de nossa vida com prazer primitivo ou se, pelo contrário, volta as costas com desgosto. Nossa calma e satisfação íntima dependem, em grande parte, do fato de saber se a família histórica que o indivíduo personifica, está ou não de acordo com as condições efêmeras de nosso presente.

Na minha torre, em Bollingen, vive-se como há séculos. Ela durará mais do que eu; sua situação e seu estilo evocam tempos que há muito já passaram. Lá, poucas coisas lembram o presente.

Se um homem do século XVI entrasse na casa, somente o lampião de querosene e os fósforos seriam novidade para ele; com o resto ele não teria dificuldade. Nada, nela, perturbaria os mortos: nem luz elétrica, nem telefone. As almas de meus ancestrais são mantidas pela atmosfera espiritual da casa, pois respondo, bem ou mal, às questões que suas vidas deixaram em suspenso; desenhadas nas paredes. É como se uma grande família silenciosa, ao longo dos séculos, povoa-se a casa. Lá vivo meu personagem número dois, e vejo amplamente a vida que se cumpre e desaparece.

⁶ A atitude de Jung é manifesta na inscrição que pusera inicialmente em cima da porta de sua casa em Bollingen: "Philemonis Sacrum — Fausti Poenitentia" (Relicário de Philemon — Penitência de Fausto). Quando esse lugar foi murado, ele pôs as mesmas palavras na entrada da segunda torre.

29/09/2020

é tipo mãe: o conceito de *anima*; a psicopatia da criança; aspectos psicológicos da jovem divina etc.
Exploration de l'inconscient (primeiro capítulo *L'Homme et ses symboles*, editado em 1916).
Pressar mais a fundo pelo assunto lerá *Moisés e a religião monoteísta*, de Freud, na fonte, o pensamento do autor que denominava "herança arcaica" (especialmente nas páginas 114 a 119, da edição espanhola, Losada, 1945).

PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Todo ser tende a realizar o que existe nele, em germe, a crescer, a completar-se. Assim é para a semelhança do vegetal e para o embrião do animal. Assim é para o homem, quanto ao corpo e quanto à psique. Mas no homem, embora o desenvolvimento de suas potencialidades seja impulsionado por forças instintivas inconscientes, isso adquire um caráter peculiar: o homem é capaz de tomar consciência desse desenvolvimento e de influenciá-lo. Precisa desse confronto do inconsciente com o consciente, no conflito como na colaboração entre ambos é que os diversos componentes da personalidade amadurecem e unem-se numa síntese, na realização de um indivíduo específico e inteiro. Essa confrontação "é o velho jogo do martelo e da bigorna: entre os dois, o homem, como o ferro, é forjado num todo indestrutível, num indivíduo. Isso, em termos técnicos, é o que eu entendo por processo de individualização" (Jung).

O processo de individualização não consiste num desenvolvimento linear. É um movimento de cir-

cunvolução que conduz a um novo centro psíquico. Jung denominou esse centro *self* (si mesmo). Quando consciente e inconsciente vêm ordenar-se em torno do *self*, a personalidade completa-se. O *self* será o centro da personalidade total, como o *ego* é o centro do campo do consciente.

O conceito junguiano de individuação tem sido muitas vezes deturpado. Entretanto é claro e simples na sua essência: tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas. Mas, de fato, a psique humana é tão complexa, são de tal modo intrincados os componentes em jogo, tão variáveis as intervenções do ego consciente, tantas as vicissitudes que podem ocorrer, que o processo de totalização da personalidade não poderia jamais ser um caminho reto e curto de chão bem batido. Ao contrário, será um percurso longo e difícil.

Pelo menos duas confusões freqüentes devem ser de início esclarecidas. Em primeiro lugar, não se pense que individuação seja sinônimo de perfeição. Aquele que busca individuar-se não tem a mínima pretensão a tornar-se perfeito. Ele visa completar-se, o que é muito diferente. E para completar-se terá de aceitar o fardo de conviver conscientemente com tendências opostas, irreconciliáveis, inerentes à sua natureza, tragam estas as conotações de bem ou de mal, sejam escuras ou claras. Outro erro grave seria confundir individuação com individualismo: "Vindo a ser o indivíduo que é de fato, o homem não se torna *egoísta* no sentido ordinário da palavra, mas está meramente realizando as particularidades de

sua natureza, e isso é enormemente diferente de *egoísmo* ou individualismo" (Jung). Note-se que o trabalho no sentido da individuação toma em atenção consideração os componentes coletivos da psique humana (conteúdos do inconsciente coletivo), o que desde logo permite esperar que daí resulte um melhor funcionamento do indivíduo dentro da coletividade.

Nesse trabalho, ele aprende por experiência própria que a estrutura básica de sua vida psíquica é a mesma estrutura básica da psique de todos os seres humanos. Um conhecimento dessa ordem de certo não fomenta sentimentos de orgulhosos privilegiados individualistas. Acontece é que as relações interpessoais mudam no decurso do desenvolvimento da personalidade. Líquidam-se projeções. As relações de estreita dependência, de quase fusão com outros seres gradualmente se modificam para dar lugar a uma posição de "respeito pelo segredo que é cada vida humana". Talvez o indivíduo venha então a sentir-se algo solitário, porém estará cada vez mais longe do *egoísmo* individualista.

O processo de individuação é descrito em imagens nos contos de fada, mitos, no *opus alquímico*, nos sonhos, nas diferentes produções do inconsciente. Sobre tudo através dos sonhos será possível acompanhá-lo ao vivo nos progressos, interrupções, regressões e interferências várias que perturbam seu desenvolvimento. Seguindo-o em numerosos casos, Jung verificou a constante emergência de imagens análogas ou semelhantes que se sucediam, traçando, por assim dizer, o itinerário do caminho

percorrido. Baseado nessas observações, Jung descreveu as principais etapas do processo de individuação.

A preliminar será o desvestimento das falsas roupagens da *persona*.

Para estabelecer contatos com o mundo exterior, para adaptar-se às exigências do meio onde vive, o homem assume uma aparência que geralmente não corresponde ao seu modo de ser autêntico. Apresenta-se mais como os outros esperam que ele seja, ou como ele desejaria ser, do que realmente como é. A essa aparência artificial Jung chama *persona*, designação muito adequada, pois os antigos empregavam esse nome para denominar a máscara que o ator usava segundo o papel que ia representar. O professor, o médico, o militar, por exemplo, de ordinário mantêm uma fachada de acordo com as convenções coletivas, quer no vestir, no falar ou nos gestos. Os moldes da *persona* são recortes tirados da psique coletiva.

Se, numa certa medida, a *persona* representa um sistema útil de defesa, poderá suceder que seja tão excessivamente valorizada a ponto de o ego consciente identificar-se com ela. O indivíduo funde-se então com os seus cargos e títulos, ficando reduzido a uma impermeável casca de reversimento. Por dentro não passa de lamentável farrapo, que facilmente será estraçalhado se soprarem lufadas fortes vindas do inconsciente.

Nenhum exemplo ilustrará melhor o que seja a *persona* que o conto de Machado de Assis "O espelho".

Nesse conto, Machado apresenta a teoria de

que o homem tem duas almas: "uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro [...] Há casos, por exemplo, em que um simples botão de canisa é a alma exterior de uma pessoa; e assim também a polca, o voltarete, um livro, u'á máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor etc.". E narra o caso de um jovem que, sendo nomeado alferes da Guarda Nacional, tanto se identificou com a patente que "o alferes eliminou o homem". Quando, por circunstâncias especiais, ele foi obrigado a ficar sozinho numa casa de campo onde não havia ninguém para prestar as louvações e marcas de respeito devidas ao alferes, sentiu-se completamente vazio. Até sua imagem no espelho, ele a via esfumada, sem contorno nítido. Esse fenômeno estranho levou-o ao pânico. Desesperado, lembrou-se de vestir a farda de alferes: "O vidro reproduziu então a figura integral, nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior".

Quanto mais a *persona* aderir à pele do ator, tanto mais dolorosa será a operação psicológica para despi-la.

Quando é retirada a máscara que o ator usa nas suas relações com o mundo, aparece uma face desconhecida.

Olhar-se em um espelho que reflita cruamente essa face é decerto um ato de cófagem. Será visto nosso lado escuro onde moram todas as coisas que nos desagradam em nós, ou mesmo que nos assus-

tam. É nossa sombra. Os primitivos acreditavam que a sombra projetada por seus corpos, ou sua imagem refletida na água, fosse uma parte viva deles próprios. E, com efeito, a *sombra* (em sentido psicológico) faz parte da personalidade total. As coisas que não aceitamos em nós, que nos repugnaram e que por isso reprimimos, nós as projetamos no *outro*, seja ele o nosso vizinho, o nosso inimigo político ou uma figura-símbolo como o demônio. E assim permanecemos inconscientes de que as abrigamos dentro de nós. Lançar luz sobre os recantos tem como resultado o alargamento da consciência. Já não é o *outro* quem está sempre errado. Descobrimos que frequentemente "a trave" está em nosso próprio olho.

Quanto mais a *sombra* for reprimida, mais se tornará espessa e negra. Exemplo impressionante desse fenômeno da dinâmica psíquica encontra-se no conto de R. Stevenson, "Dr. Jekyll e Mr. Hyde", que o cinema divulgou num filme intitulado *O médico e o monstro*. O Dr. Jekyll era um médico admirado pela sua capacidade, afável com os amigos e cheio de bondade para seus doentes. Mr. Hyde, um ser moralmente insensível, sempre pronto a cometer crimes. Os dois eram a mesma pessoa.

É muito curioso que o conto de Stevenson tenha tido origem num sonho do autor e logo haja sido escrito, quase sem pausas, em três dias. Trata-se de um extraordinário documento psicológico. Jekyll descreve-se: "Meu maior defeito era uma certa disposição natural para o prazer, disposição que fez a felicidade de muitos outros, mas que eu achava

difícil conciliar com o meu imperioso desejo de andar de cabeça erguida. Usava então diante do público de uma aparência mais grave que o comum". Ele se surpreendia ao ver que sob a forma de Hyde não lhe contentavam os prazeres que Jekyll não se permitia. Hyde, como personagem autônomo, livre de seguir seus impulsos, ia muito além, revelava-se intrinsecamente mau, capaz de todas as vilezas.

A *sombra* é uma espessa massa de componentes diversos, aglomerando desde pequenas fraquezas, aspectos inaturos ou inferiores, complexos reprimidos, até forças verdadeiramente maléficas, negrimes assustadores. Mas também na *sombra* poderão ser discernidos traços positivos: qualidades valiosas que não se desenvolveram devido a condições externas desfavoráveis ou porque o indivíduo não dispôs de energia suficiente para levá-las adiante, quando isso exigisse ultrapassar convenções vulgares.

A *sombra* coincide com o inconsciente freudiano e com o inconsciente pessoal junguiano. Nos sonhos ela conchuma aparecer personificada em indivíduos do mesmo sexo do sonhador que representam, por assim dizer, o seu avesso. É um duro problema de início de análise o reconhecimento de figurantes do sonho, julgados desprezíveis pelo sonhador, como aspectos sombrios de sua própria personalidade.

Mas a *sombra* ultrapassa os limites do pessoal e alonga-se na *sombra coletiva*. Veremos então homens civilizados, quando reunidos em massa, portarem-se segundo os mais inferiores padrões. Caírem presas de preconceitos coletivos de discriminações

raciais. Fabricarem bodes expiatórios. Tornarem-se ávidos, destrutivos, sanguinários. Os exemplos são múltiplos e infelizmente estão de tal modo presentes no mundo contemporâneo que será desnecessário citá-los.

Depois de travar conhecimento com a própria *sombra*, uma tarefa muito mais difícil se apresenta. É a confrontação da *anima*.

Todos sabem que no corpo de cada homem existe uma minoria de gens femininos que foram sobrepujados pela maioria de gens masculinos. À feminilidade inconsciente no homem, Jung denomina *anima*: "A *anima* é, presuntivamente, a representação psíquica da minoria de gens femininos presentes no corpo do homem" (Jung). Essa feminilidade inconsciente no homem, indiferenciada, inferior, manifesta-se, na vida ordinária, por desproporcionadas mudanças de humor e caprichos.

Vêm compor a *anima* também as experiências fundamentais que o homem teve com a mulher através dos milênios, "um aglomerado hereditário inconsciente de origem muito longínqua, tipo de todas as experiências da linha ancestral em relação ao ente feminino, resíduo de todas as impressões fornecidas pela mulher" (Jung). A *anima* encerra os atributos fascinantes do "eterno feminino" — novas palavras, é o arquétipo do feminino.

O primeiro receptáculo da *anima* é a mãe, e isso faz que aos olhos do filho ela pareça dotada de algo mágico. Depois a *anima* será transferida para a

estrela de cinema, a cantora de rádio e, sobretudo, para a mulher com quem o homem se relacione amorosamente, provocando os complicados enredamentos do amor e as decepções causadas pela impossibilidade de o objeto real corresponder plenamente à imagem oriunda do inconsciente. Aliás essa transferência nem sempre se processa de modo satisfatório. A retirada da imagem da *anima* de seu primeiro receptáculo constitui uma etapa muito importante na evolução psíquica do homem. Se não se realiza, a *anima* é transposta, sob a forma da imagem da mãe, para a namorada, a esposa ou a amante. O homem esperará que a mulher amada assuma o papel protetor de mãe, o que o leva a modos de comportamento e a exigências pueris gravemente perturbadoras das relações entre os dois.

Na primeira metade da vida a *anima* projeta-se de preferência no exterior, sobre seres reais, estando sempre presente nas problemáticas do amor, suas ilusões e desilusões. Mas na segunda metade da existência, quando o jogo dessas projeções vai se esgotando, é a mulher dentro do homem, durante anos reprimida (porque no consenso coletivo um homem nunca deve permitir que o sentimento influia na sua conduta), quem penetra na sua vida sem ser chamada. O "homem forte" estará então frequentemente amuado, tornar-se-á hipersuscetível, surgirão intempestivas mudanças de humor, explorações emocionais, caprichos. Ele perderá progressivamente o comando em sua casa.

A *anima* apresenta-se personificada nos sonhos, nos contos de fada, no folclore de todos os povos, nos mitos, nas produções artísticas. As formas, belas ou horríveis, de que se reveste são numerosas: sereia, mãe-d'água, feitiçeira, fada, ninfã, animal, súcubo, deusa, mulher. O princípio feminino no homem poderá desenvolver-se, diferenciar-se, transpor estádios evolutivos.

Eis um exemplo de *anima* correspondente à etapa em que fortes componentes sexuais acham-se mesclados a elementos românticos e estéticos. Fala, em linguagem enfática, a jovem tocadora de cinor pintada na parede de um túmulo pagão, lugar de refúgio do monge Pafnucio quando se debatia no seu doído amor por Thais: "Para onde pensas me fugir, insensato? Tu encontrarás a minha imagem no desabrochar das flores e no donaire das palmeiras, no vôo das pombas, nos saltos das gazelas, na fuga ondulosa dos regatos, nas dormentes claridades da lua. E, se fechares os olhos, a encontrarás em ti mesmo. [...] Conheces-me bem, Pafnucio. Por que não me reconheceste? Sou uma das inúmeras encarnações de Thais. [...] Decerto ouviste dizer que Thais viveu outrora em Esparta sob o nome de Helena. Em Tebas Hecatompiia, ela teve uma outra existência. Onde vem tua surpresa? Era certo que, fosses aonde fosses, encontrarias Thais". (*Thais*, Anatole France, tradução brasileira de Sodré Viana.)

Exemplo de *anima* representativa de estádio evolutivo superior, misteriosa encarnação de espiritualidade e sabedoria é Mona Lisa. Dmitri Merej-

kowski, no livro *O romance de Leonardo da Vinci* (tradução brasileira de Brenno da Silveira) teve a intuição perfeita de que Mona Lisa era a própria alma do pintor, quando pôs na boca de um de seus discípulos estas palavras: "A realidade parecia um sonho e o sonho, realidade, como se Mona Lisa não fosse uma criatura viva, esposa de um cidadão florentino, um certo Messer Giocondo, o mais comum dos mortais, mas um ser semelhante aos espíritos e evocado pela vontade do mestre — uma fada, um sócia feminino do próprio Leonardo".

Se o princípio feminino no homem (*anima*) for atentamente tomado em consideração e confrontado pelo ego, os fenômenos decorrentes de seus movimentos autônomos dissolvem-se, suas personalidades desfazem-se. A *anima* torna-se uma função psicológica da mais alta importância. Função de relacionamento com o mundo interior, na qualidade de intermediária entre o consciente e inconsciente, função de relacionamento com o mundo exterior, na qualidade de sentimento conscientemente aceito.

Do mesmo modo que no corpo de todo homem existe uma minoria de gens femininos, no corpo de cada mulher acha-se presente uma minoria de gens masculinos. Jung denomina *animus* à masculinidade existente no psiquismo da mulher. Essa masculinidade é inconsciente e manifesta-se, de ordinário, como intelectualidade mal diferenciada e simplista. Daí vemos frequentemente mulheres sustentarem afirmações *a priori*, opiniões convencio-

nais que não resistem ao exame lógico mas que ne-
por isso deixam de ser teimosamente defendidas
com argumentos acirrados. O *animus* opõe-se à pri-
pria essência da natureza feminina, que busca, ante
de tudo, relacionamento afetivo. Sua hipertrofia re-
sultará em humor querelante, em quebra de laço
de amor.

O *animus* condensa todas as experiências que a
mulher vivenciou nos seus encontros com o homem
no curso dos milênios. E é a partir desse imenso
material inconsciente que é modelada a imagem do
homem que a mulher procura.

O primeiro receptáculo do *animus* será o pai.
Transfere-se depois para o mestre, para o ator de
cinema, o campeão esportivo ou o líder político.
Projetado sobre o homem amado, faz dele uma ima-
gem ideal, impossível de resistir à convivência coti-
diana. Vêm as decepções inevitáveis.

As relações entre o homem e a mulher ocor-
rem dentro do tecido fantasmagórico produzido
pela *anima* e pelo *animus*. Portanto, não é para sur-
preender que surjam emaranhados problemas na
vida dos casais.

As personificações que o *animus* assume nos
sonhos, contos de fada, mitos e outras produções do
inconsciente variam em escala larguíssima: formas
animais, selvagens, demônios, príncipes, crimino-
sos, heróis, feiticeiros, artistas, homens brutos e ho-
mens requintados.

Do mesmo modo que a *anima*, o *animus* é sus-
cetível de evoluir, de transformar-se. Vários contos

de fada nos dizem de príncipes metamorfoseados
em animais que por fim são redimidos pela heroína
do conto, o que significa evolução e integração do
princípio masculino na consciência da mulher.

As representações dos aspectos negativos do
animus são particularmente abundantes. Vamos en-
contrar exemplo dos mais típicos na Bíblia, no livro
de Tobias (Cap. VI), onde é contada a história da
jovem Sara, que se casou sete vezes e matou os sete
maridos na noite de núpcias por estar possuída pelo
demônio Sinaíticus. Muitas histórias medievais nar-
ram também casos de mulheres que, possuídas de
demônios, entregavam-se a um erotismo desenfrea-
do e cometiam atos destrutivos.

Extraordinária figuração do *animus*, na litera-
tura, é Heathcliff, personagem de *O morro dos ventos
e vivantes*, romance de Emily Brontë (tradução brasi-
leira de Rachel de Queiroz). Heathcliff encarna os
atributos negativos do *animus* em toda a sua cruza:
brutalidade, crueldade, capacidade destruidora.
Mas Emily, que vivia em íntimo contato com as ima-
gens do inconsciente, conhecia também outras faces
do *animus*. É assim que em seus poemas exalta um
"anjo radiante", um "fantasma sempre presente —
meu escravo, meu companheiro, meu rei".

O *animus* nos seus aspectos positivos tem fun-
ções importantes a realizar. É o mediador entre in-
consciente e consciente, papel desempenhado pela
anima no homem. Se atentamente cuidado e integrado
pelo consciente, traz à mulher capacidade de reflexão,
de autoconhecimento e gosto pelas coisas do espírito.

A noção da bissexualidade de todo ser humano, antes de ser aceita pela ciência, era já uma intuição antíquíssima. Encontramo-la, por exemplo, no mito dos *andróginos*, apresentado por Aristóteles no *Banquete* de Platão. Os andróginos eram seres bissexuados, redondos, ágeis e tão possantes que Zeus chegou a temê-los. Para reduzir-lhes a força dividiu-os em duas metades: masculina e feminina. Desde então cada um procura ansiosamente sua metade. O homem e a mulher sofrem esse mesmo sentimento, expresso pelo mito, de serem incompletos quando sozinhos, pois a natureza do homem pressupõe a mulher e a natureza da mulher pressupõe o homem.

Quando, depois de duras lutas, se desfazem as personificações da *anima* ou do *animus*, "o inconsciente muda de aspecto e aparece sob uma forma simbólica nova, representando o *self*, o núcleo mais interior da psique" (M. L. von Franz).

Surtem então, nos sonhos, as primeiras figuras desse centro profundo. Habitualmente, nos sonhos de mulheres, esse centro revela-se sob a forma de uma figura feminina superior — mulher desconhecida de quem emana autoridade e benevolência, sacerdotisa, deusa-mãe ou deusa do amor. Nos sonhos de homens assume o aspecto de velho sábio, de mago, de mestre espiritual, de filósofo. Essas personificações, sejam as femininas ou as masculinas, são dotadas de grande potencial energético, causando sempre ao sonhador uma impressão duradoura de maravilhamento.

O *self* não se revela apenas através de personificações humanas. Sendo uma grandeza que excede de muito a esfera do consciente, sua escala de expressões estende-se de uma parte ao infra-humano e de outra parte ao super-humano. Assim, seus símbolos podem apresentar-se sob aspectos minerais, vegetais, animais; como super-homens e deuses. E também sob formas abstratas. A denominação de *self* não cabe unicamente a esse centro profundo, mas também à totalidade da psique. O reconhecimento da própria sombra, a dissolução de complexos, a liquidação de projeções, a assimilação de aspectos parciais do psiquismo, a descida ao fundo dos abismos — em suma, o confronto entre consciente e inconsciente — produzem um alargamento do mundo interior do qual resulta que o centro da nova personalidade, construída durante todo esse longo labor, não mais coincide com o ego. O centro da personalidade estabelece-se agora no *self*, e a força energética que este irradia englobará todo o sistema psíquico. A consequência será a totalização do ser, sua *esferificação* (*abrundung*). O indivíduo já não estará fragmentado interiormente. Não se reduzirá a um pequeno ego crispado dentro de estreitos limites. Seu mundo agora abraça valores mais vastos, absorvidos do imenso patrimônio que a espécie penosamente acumulou nas suas estruturas fundamentais. Prazeres e sofrimentos serão vivenciados num nível mais alto de consciência. O homem torna-se *ele mesmo*, um ser completo, composto de consciente e inconsciente, incluindo aspectos

caos e escuros, masculinos e femininos, ordenados segundo o plano de base que lhe for peculiar.

Expressão por excelência da totalidade psíquica é a *mandala*. *Mandala*, palavra sânscrita, significa círculo, ou círculo mágico. Seu simbolismo inclui toda imagem concentricamente disposta, toda conferência ou quadrado tendo um centro e todos os arranjos radiados ou esféricos. O centro da mandala representa o núcleo central da psique (*self*), núcleo que é fundamentalmente uma fonte de energia: "A energia do ponto central manifesta-se na compulsão quase irresistível para levar o indivíduo a tornar-se *aquilo que ele é*, do mesmo modo que todo organismo é impulsionado a assumir a forma característica de sua natureza, sejam quais forem as circunstâncias" (Jung).

No curso do processo de individuação, em torno desse centro e em função dele, segundo tentamos descrever, vêm organizar-se os diferentes fatores psíquicos e mesmo os mais irreconciliáveis opostos. Cria-se uma ordem que "transforma o caos em cosmos". Mas não uma ordem estática. Formação, transformação constituem sua essência.

Valerá a pena o árduo trabalho da individuação? Aqueles que não se diferenciavam permanecem obscuramente envolvidos numa trama de projeções, confundem-se, fusionam-se com outros e desse modo são levados a agir em desacordo consigo, com o plano básico inato de seu próprio ser. E é esse "desacordo consigo mesmo que constitui fun-

damentalmente o estado neurótico". Prossegue Jung: "A liberação desse estado só sobrevirá quando se puder existir e agir de conformidade com aquilo que é sentido como sendo a própria verdadeira natureza". Este sentimento será de início nebuloso e incerto, mas, à medida que evolui o processo de individuação, fortalece-se e afirma-se claramente. Então o homem poderá dizer, ainda que em meio a dificuldades externas e internas, embora recorrendo que nenhuma carga é tão pesada quanto suportar a si mesmo: "Tal como sou, assim eu ajo".

Foram as próprias experiências internas de Jung que o levaram à descoberta do processo de individuação, segundo ele narra em suas *Memórias*. Viveu-o intencionalmente em todas as suas fases e, paralelamente, observava que o curso de desenvolvimento da personalidade de seus analisandos seguia roteiro semelhante, sempre progredindo em direção a um centro, a um núcleo energético que se revelava existente no mais íntimo da psique.

O processo de individuação é o eixo da psicologia junguiana.

Será discernido nos sonhos, contos de fada, mitos, no *opus alquímico*, em suma, nas mais diversas produções do inconsciente, percebendo-se em primeiro plano ora esta, ora aquela etapa do processo.